ISSN: 2358-8829

DO CÁLCULO À PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS: EDUCAÇÃO FINANCEIRA E INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DE MATEMÁTICA

QUEIROZ, Francília de Fátima Silva[1]

RESUMO

O texto discute a importância da articulação entre a Matemática e a realidade social por meio da Educação Financeira, defendendo uma abordagem interdisciplinar no ensino. Parte da crítica à fragmentação do conhecimento escolar, ressaltando que a aprendizagem significativa ocorre quando os conteúdos dialogam entre si e com o cotidiano dos alunos. Nesse contexto, a Educação Financeira é apresentada como eixo integrador, capaz de promover conexões entre diferentes áreas do saber e desenvolver competências críticas diante de uma sociedade marcada pelo consumismo e pela instabilidade. Com base em autores como Bauman, Skovsmose e Lins, o texto evidencia que o ensino de Matemática deve ir além de cálculos e procedimentos, incorporando reflexões sociais, éticas e políticas. A produção de significados é destacada como elemento central no processo de aprendizagem, em oposição ao ensino mecânico e descontextualizado. Além disso, são discutidos conceitos como interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transversalidade, reforçando a necessidade de integração entre os saberes. Conclui-se que a Educação Financeira, quando trabalhada de forma crítica e interdisciplinar, contribui para a formação de sujeitos autônomos, capazes de compreender a realidade, tomar decisões conscientes.

Palavras-chave: Educação Financeira. Ensino de Matemática. Interdisciplinaridade. Produção de significados. Educação Matemática crítica. Consumismo. Contextualização do ensino. Sociedade líquida.

1. Introdução

A escola é uma resposta complexa da sociedade na qual vivemos, representando as dinâmicas, conflitos, problemáticas e ideologias (microcosmo social), responsável ainda pela formação para o trabalho e crítica dos sujeitos. Assim sendo é inadmissível que ainda exista a fragmentação entre o ocorre dentro da sala de aula e o que acontece na sociedade.

[1] Francília de Fátima Silva Queiroz é professora de Matemática da Educação Básica, atuante no Ensino Fundamental II, nos municípios de São João do Tigre e Camalaú, Paraíba. É mestra em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e doutoranda em Ciências da Educação. Possui licenciatura e bacharelado em Matemática, além de formação em Pedagogia e Letras. Desenvolve estudos relacionados à Educação Matemática, com ênfase em linguagem matemática, leitura e escrita, Educação Financeira e processos de produção de significados no ensino de Matemática.

Nesse contexto cria-se uma relação de interdependência entre as disciplinas escolares e a sociedade. Assim, não há que se falar que terminou a aula de História e que o aluno precisa desconectar-se do que aprendeu ali para começar a aprender o conteúdo de Matemática, como se fechasse uma porta para abrir outra.

Não se fala aqui de deixar de ensinar os conteúdos das disciplinas, mas articular estes saberes, preservar as especificidades, enriquecer o aprendizado e não diluir ou fragmentar o mesmo. Trata-se de integrar os conhecimentos para que o aluno tenha uma visão mais ampla do conteúdo.

Diante do que já foi refletido é importante ressaltar a relevância das discussões para o âmbito da Educação Matemática, especificamente para os processos de ensino e aprendizagem da Matemática. Já que a referida disciplina precisa ser contextualizada para romper com os estigmas relacionados a mesma, como os que a Matemática é destinada a pessoas talentosas, "gênios", Lins (2012).

Concordamos com o autor supracitado que quando o ensino é desprovido de conexão com a realidade os alunos passam a produzir objetos, procedimentos ou respostas semanticamente vazias, que não possuem significado para eles, desenvolverão uma certa aversão a disciplina pois haverá um comprometimento conceitual da disciplina.

Na verdade, o aluno deve apreender a Matemática para compreender o mundo, para tomar decisões, para agir criticamente sobre os desafios que a sociedade lhe a disciplina impõe assim cada vez mais ela possui uma relação com outras áreas.

Diante desses pressupostos, será utilizado a defesa da Educação Financeira como meio articulador entre Sociedade, Matemática e outras áreas do conhecimento. Pois seus conteúdos e conceitos possuem uma relevância enorme para a sociedade e são articulados com diferentes áreas do saber, possuindo um aspecto transversal e interdisciplinar que permite a contextualização e a atribuição ao que se aprende facilitando a relação dos alunos com a Matemática.

2. Educação financeira como eixo integrador de saberes.

Vivemos numa sociedade marcada por constantes mudanças, onde não há uma solidez, e que é diferente das sociedades da antiguidade onde havia uma certa estabilidade

ISSN: 2358-8829

e previsibilidade, de acordo com Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, vivemos numa *sociedade líquida* que é volátil, efêmera e incerta.

De acordo com Bauman (2008), as estruturas e as relações políticas, sociais e econômicas, o consumo, centro da vida social também mudou. Na *sociedade antiga* tudo estava ligado estabilidade, durabilidade, necessidade, na sociedade atual, moderna, não há mais estabilidade há a cultura do consumo e descarte. Concordados com o referido autor, consumimos não somente porque precisamos, mas para mostrar um estilo de vida para outras pessoas, porque não falar em impressionar, construir uma certa identidade definida pelo consome. Para Bauman (2008), nesta *sociedade líquida* as pessoas, "compram" estilos de vida, constroem pertencimentos simbólicos, redefinem quem são a partir do que consomem. Nesta visão os problemas sociais são híbridos permeados por dimensões culturais, éticas, políticas e subjetivas.

Diante disso é necessário inserir a Educação Financeira na escola para que os sujeitos, desenvolvam competências críticas e autônomas que os possibilite fazer boas escolhas e tornando-se menos reféns das instabilidades e do consumismo.

Entretanto, falar de Educação Financeira não é fácil, a própria história da Educação Financeira neste país remonta a fragilidade do brasileiro ao lidar com dinheiro e consumo, relação sustentada por dados concretos de endividamento, falta de planejamento e elevados índices de pobreza. Para se ter ideia na década de 1980 a 1990 o Brasil passou por uma superinflação na qual chegavam a comprar os produtos por um preço de manhã e no fim da tarde esses mesmos produtos estarem com preços dobrados.

O surgimento do Plano Real, desenvolvido no governo do então ministro da economia Fernando Henrique Cardoso em 1994, pôs fim a hiperinflação que acontecia no País e devolveu o poder de compra aos brasileiros, entretanto pelo fato da educação financeira não se fazer presente em todos os lares a facilidade crédito, a disponibilidade de cartões digitais, pix, e parcelamentos cria a ilusão de um maior poder aquisitivo e estimulando o consumo inconsciente e gerando dívidas cada vez maiores.

Devido ao alto nível de inadimplência e pensando na necessidade de uma sociedade mais justa e igualitária, o MEC (Ministério da Educação e Cultura), propõe na BNCC (Base Nacional Curricular Comum) a inserção da Educação Financeira, objetivando a formação integral do aluno.

Partindo desse contexto é necessário tentar compreender o que é realmente Educação Financeira. De acordo com a OCDE a Educação Financeira é:

> "O processo pelo qual consumidores e investidores melhoram sua compreensão sobre produtos financeiros, conceitos e riscos, e, por meio de informação, instrução e/ou aconselhamento objetivo, desenvolvem habilidades e confiança para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos financeiros, fazerem escolhas informadas, saberem onde buscar ajuda e adotarem outras ações eficazes para melhorar seu bem-estar financeiro." (OCDE, 2005).

A Educação Financeira, portanto, consiste na aquisição de conhecimentos, habilidades que levam ao desenvolvimento de comportamentos e atitudes mais responsáveis e sustentáveis diante do dinheiro e consumo. Ter no caso uma relação inteligente com o dinheiro. Já a Matemática Financeira consiste no ramo da Matemática que estuda os conteúdos matemáticos propriamente ditos, juros simples e compostos, descontos, acréscimos, financiamentos, empréstimos e investimentos, sendo uma parte da Educação Financeira.

Ensinar Educação Financeira é antes de tudo compreender que falar sobre dinheiro, crédito, consumo, dívidas não é algo simples e que não pode ser ensinado por uma única área de conhecimento, mas é transpassado por diversas áreas. É um tema amplo, permeado e integrado por diversa áreas como a economia, história, geografia, filosofia, sociologia, matemática, língua portuguesa.

Diante do fato da Educação Financeira ser atravessado por essas várias dimensões, contribui para uma formação mais global dos sujeitos, assumindo neste caso uma dimensão interdisciplinar e transdisciplinar, pois a ideia é que os estudantes a enxerguem como um fenômeno social total, que possui um aspecto político.

O que é relevante para um ensino de Matemática, pois a contextualiza e faz com que o estudante tenha uma visão mais global dos assuntos, enxergando como algo concreto, atribuindo sentido ao que estuda rompendo com os estigmas relacionados a disciplina.

Concordamos com Ole Skovsmose, (2001, 2008), o ensino de Matemática não deve ser limitado a técnicas e procedimentos, mas manter um compromisso com a análise das implicações sociais, éticas e políticas do uso da matemática, (SKOVSMOSE, 2001;

2008). Para o referido autor as aulas são espaços de investigação e de temáticas críticas e de relevância social.

Então é importante destacar as aulas de Matemática podem ser espaço para várias atividades e projetos integrando uma grande variedade de áreas: História, Geografia, Sociologia, Filosofia, Economia, Português dentre outras. Pensando sobre isto algumas atividades podem ser desenvolvidas dentro das Aulas de Matemática envolvendo a Educação Financeira:

- Análise de juros compostos em cartões de crédito e crediários
- Discussão ética sobre o lucro e a exploração financeira
- Comparação entre empréstimos bancários formais e informais
- Estudo histórico da política de crédito no Brasil
- Leitura de gráficos e tabelas reais
- Análise de propagandas e financiamento “sem juros”
- Cálculo do custo efetivo total (CET)
- Porcentagens
- Planejamento financeiro
- Fluxo de caixa simples
- Produção de textos argumentativos sobre consumo consciente
- Salário mínimo × custo de vida
- Juros e crédito como mecanismo de controle social
- Relação entre matemática, poder e exclusão.

Tais atividades podem ser elaboradas dentro dos cenários de investigação, propostos por Ole Skovsmose (2001, 2008), os quais são orientados por vários questionamentos.

Evidentemente as atividades envolvendo Educação Financeira não pode deixar de abordar alguns conceitos como: Organização, planejamento, salário bruto, salário líquido, gastos fixos, gastos arbitrários, patrimônio, guardar, poupar, investir, aposentadoria, o valor de uma hora trabalhada, quanto você vai gastar para comprar um item, o tempo útil dos itens etc.

O espaço de debate em torno da temática também deve abordar o que a análise crítica sobre o consumismo moderno, caracterizado por Schopenhauer uma forma de alienação moderna que torna o sujeito refém de desejos insaciáveis. Na verdade, por esse ponto de

vista o consumismo se torna uma nova forma de escravidão moderna na qual os sujeitos deixam de ser trabalhadores e se tornam consumidores.

O consumismo precisa ser compreendido como uma competência por prestígio que leva a individualização e impede uma ação coletiva. Deve-se abordar também os problemas psicológicos (oniomania (compulsão), baixa estima e sensação de inadequação, ansiedade crônica, frustação, alienação). Concordamos com Zygmunt Bauman (2008), o homem nesta sociedade moderna deixa de ser consumidor e torna-se mercadoria.

Embora separados por dois séculos as reflexões de Bauman e Schopenhauer são próximas, o primeiro historiciza e socializa o consumismo o outro mostra a raiz metafísica, por refletir sobre o desejo incessante do ter e o tédio possuir. A raiz do sofrimento através do consumo incessante nos dois pensadores é estrutural.

Outro ponto a ser debatido nas aulas é falar de Educação Financeira para um pobre e falar de Educação Financeira para um rico não é a mesma coisa, pois colocá-los numa mesma balança é uma forma sutil de injustiça social. Pois, o aluno precisa compreender também que há condições de partida, riscos e erros, por exemplo o pobre precisa desde cedo apreender a administrar o que ganha, pois qualquer decisão financeira envolve riscos imediatos como: comer, morar, se deslocar, manter serviços básicos que podem não impactar tão de imediato o rico, talvez ele nunca se torne um investidor como é proposto na ótica dos especialistas em Educação Financeira, mas pelo menos mantenha uma estabilidade nas suas condições de subsistência. Daí a importância considerar os significados sociais do dinheiro.

3. Produção de significados nas aulas de Matemática Financeira: uma perspectiva crítica e sociocultural.

Ao inserir a Educação Financeira nas aulas de Matemática o professor romperá a forma tradicional de ensino na qual a aprendizagem se dá de maneira mecânica e há abstração passiva de conceitos, e passará a interpretar, questionar e a produzir significados em relação ao que apreende. Concordamos com Lins (2012), o significado não está nos objetos matemáticos em si, mas nas relações que os sujeitos estabelecem com eles em

ISSN: 2358-8829

práticas discursivas e sociais, como o aluno escreve, compreende argumenta, questiona, interpreta explica, justifica e relaciona o conhecimento com a realidade.

Na forma tradicional o aluno constrói sentidos reduzidos sobre o que é o mundo financeiro e se limita a aprender conceitos abstratos sobre o que são juros, porcentagens e descontos. Na visão da Educação Financeira a Matemática deixa de ser neutra e torna-se situada.

Fazendo um paralelo entre a educação tradicional e a perspectiva de um ensino a baseado na produção de significados, a tabela abaixo sintetiza algumas diferenças entre a forma de abordar o conteúdo, tanto numa visão crítica como na forma de produzir significados:

Quadro 1: Paralelo entre a formas que a e Educação Tradicional e Produção de significados abordam os conteúdos de Educação Financeira .

Conteúdo	**Educacional Tradicional**	Produção de significados
Juros compostos	Fórmula e cálculo	Discussão sobre endividamento estrutural
Parcelamento	Cálculo do valor final	Análise da ilusão do "valor baixo por mês
Crédito	Simulação numérica	Debate sobre dependência financeira
Consumo	Rentabilidade	Risco, tempo, desigualdade de acesso
Investimento	Problemas Matemáticos	Cultura do consumo e identidade social

Fonte: arquivo da autora

É evidente que os pressupostos defendidos por Lins (2012), possuem relação com a proposta dos cenários de investigação de Ole Skovsmose (2001), pois em ambas os alunos vão analisar, simular, questionar e refletir sobre situações concretas. Não serão quaisquer significados, mas matemáticos, sociais, culturais e éticos.

Na perspectiva de Lins (2012), o significado não está pronto no objeto nem apenas na mente do indivíduo; ele é produzido na ação, no diálogo e no contexto.

A Matemática Financeira nesse sentido, não se restringe ao ensino operacional de cálculos comerciais. Ela constitui um campo de modelagem quantitativa capaz de descrever fenômenos econômicos, relações de trabalho, sistemas de consumo e mecanismos de acumulação financeira presentes na sociedade contemporânea.

4. Modelagem Matemática das Relações Financeiras: Fórmulas, Trabalho e Produção de Significados no Contexto da Educação Financeira.

ISSN: 2358-8829

Nesta seção, serão apresentados os principais conceitos e fórmulas da Matemática Financeira articulados ao tema “Do Cálculo à Produção de Significados: Educação Financeira e Interdisciplinaridade no Ensino de Matemática”. A abordagem proposta busca ultrapassar a dimensão puramente operacional dos cálculos financeiros, compreendendo as fórmulas como instrumentos de interpretação da realidade social, econômica e cultural contemporânea.

A partir de conceitos como juros simples e compostos, porcentagem, inflação, salário, horas extras e consumo, pretende-se analisar como a Matemática se manifesta nas relações cotidianas de trabalho, crédito e aquisição de bens. Nesse sentido, as expressões matemáticas deixam de representar apenas procedimentos técnicos e passam a constituir mecanismos de produção de significados sobre o valor do tempo, do trabalho e do consumo na sociedade atual.

Sob uma perspectiva interdisciplinar, a Matemática Financeira dialoga com áreas como Economia, Sociologia, Filosofia e Educação, permitindo reflexões acerca do consumo, da financeirização da vida e das desigualdades sociais. Assim, o estudo dessas fórmulas possibilita compreender criticamente como os sujeitos se relacionam com o dinheiro, o mercado e os sistemas financeiros que estruturam a vida contemporânea.

Além disso, ao investigar quanto tempo de trabalho é necessário para adquirir determinados bens, os cálculos financeiros passam a revelar dimensões humanas frequentemente invisibilizadas pelas relações de consumo. Dessa forma, o ensino da Matemática Financeira assume caráter formativo, crítico e social, promovendo não apenas o domínio técnico dos cálculos, mas também a construção de sentidos e interpretações sobre a realidade econômica vivida pelos estudantes.

Nessa perspectiva, as fórmulas matemáticas ocupam papel central no processo de aprendizagem. Mais do que memorizar procedimentos, os estudantes são incentivados a compreender como expressões matemáticas ajudam a explicar fenômenos financeiros presentes no cotidiano, como compras parceladas, descontos, juros, salário e inflação.

No Ensino Fundamental II, essa abordagem favorece:

- o desenvolvimento do pensamento lógico;
- a interpretação de problemas reais;
- a leitura crítica de informações financeiras;
- a compreensão de gráficos, tabelas e porcentagens;
- a construção de autonomia nas decisões econômicas cotidianas.

ISSN: 2358-8829

Dessa forma, a Matemática Financeira deixa de ser apenas um conteúdo técnico e passa a contribuir para a formação cidadã dos estudantes, utilizando fórmulas, equações e relações quantitativas como instrumentos de análise da realidade social e econômica em que estão inseridos.

5. Revisando os conceitos: interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, e transversalidade.

Revisar os conceitos de multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transversalidade torna-se indispensável, s pois quando esses termos apareceram de forma recorrente ao longo deste texto. Retomar e delimitar esses conceitos permite esclarecer os sentidos atribuídos a cada um, evitando usos genéricos ou imprecisos que podem fragilizar as opções epistemológicas que sustentam este.

Assim, a revisão desses conceitos se dá não por preciosismo terminológico, mas por posicionamento epistemológico, por uma necessidade teórica e pedagógica, para que não ocorra ambiguidades ou interpretações imprecisas do pressuposto teórico que sustenta esse texto.

Assim parte-se do pressuposto que a interdisciplinaridade não é só unir conhecimentos e disciplinas, mas sobretudo uma atitude ética e epistemológica, rompendo com a fragmentação das disciplinas. Concordamos com Fazenda (2008): “Interdisciplinaridade não é a soma de disciplinas, mas uma atitude de ousadia frente ao conhecimento, que pressupõe diálogo, reciprocidade e parceria.”

Assim, na multidisciplinaridade a Matemática aborda seus conteúdos de forma autônoma, enquanto outras disciplinas tratam do mesmo tema em paralelo, sem articulação explícita; Na pluridisciplinaridade Matemática dialoga com áreas próximas, aplicando conceitos matemáticos a situações de outras disciplinas, mantendo seu foco específico. Na interdisciplinaridade a Matemática participa da análise de problemas complexos, articulando conceitos, métodos e significados com outras áreas do conhecimento. Na transversalidade os Temas transversais perpassam os conteúdos matemáticos, orientando práticas, reflexões e valores ao longo do processo educativo.

Em outras palavras a maioria desses conceitos guarda a seguinte característica são várias disciplinas abordando um tema sem uma construção teórica e conceitual comum, as disciplinas continuam sendo estudadas separadamente. Há neste caso uma aproximação de disciplinas afins, sem aprofundamento conceitual conjunto.

Esses conceitos podem ser resumidos no quadro abaixo elaborado pela autora, com base em Japiassu (1976), Fazenda (1994; 2008), Morin (2000) e BNCC (2018).

Quadro 2: Abordagens do conhecimento e suas manifestações nas aulas de Matemática

Abordagem	Conceito	Aplicação na aula de Matemática
Multidisciplinaridade	Disciplinas justapostas, sem integração conceitual.	Conteúdos matemáticos tratados de forma isolada, ainda que relacionados a um mesmo tema abordado por outras áreas.
Pluridisciplinaridade	Disciplinas afins em cooperação pontual.	Aplicação de conceitos matemáticos em situações de áreas próximas, mantendo limites disciplinares.
Interdisciplinaridade	Integração e diálogo entre disciplinas.	Construção conjunta de significados matemáticos em problemas complexos e contextualizados.
Transversalidade	Temas que atravessam o currículo.	Temas socialmente relevantes permeiam os conteúdos matemáticos ao longo do ensino.

Fonte: arquivo da autora

Nas aulas de Matemática, especialmente no contexto da Educação Financeira, a distinção entre essas abordagens é essencial para compreender os diferentes níveis de articulação do conhecimento. Enquanto a multidisciplinaridade e a pluridisciplinaridade ampliam o contexto de aplicação dos conteúdos matemáticos, é a interdisciplinaridade — articulada à transversalidade — que possibilita uma Educação Financeira crítica, capaz de promover produção de significados, autonomia intelectual e tomada de decisões conscientes frente às práticas financeiras cotidianas.

6. Metodologia da pesquisa.

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, com abordagem teórico-bibliográfica. A investigação fundamenta-se na análise e articulação de referenciais teóricos da Educação Matemática, da Sociologia e da Filosofia, com destaque para autores como Lins, Skovsmose, Bauman, Schopenhauer, Fazenda e documentos institucionais como a BNCC e a OCDE.

A metodologia consiste em:

- Levantamento bibliográfico: estudo de obras e documentos que tratam da Educação Financeira, interdisciplinaridade e ensino de Matemática;
- Análise teórica: interpretação crítica dos conceitos abordados, especialmente produção de significados, sociedade de consumo e educação matemática crítica;
- Articulação conceitual: integração entre diferentes áreas do conhecimento, evidenciando a Educação Financeira como eixo interdisciplinar;
- Abordagem reflexiva e propositiva: discussão de possibilidades pedagógicas e sugestões de práticas para o ensino de Matemática contextualizado.

Trata-se, portanto, de um estudo que busca compreender e propor caminhos para o ensino da Matemática a partir de uma perspectiva crítica, contextualizada e interdisciplinar.

7. Considerações finais.

As discussões desenvolvidas neste ensaio permitem afirmar que a Educação Financeira, quando articulada às aulas de Matemática sob uma perspectiva interdisciplinar, ultrapassa a lógica do ensino fragmentado e passa a dialogar com dimensões econômicas, sociais, filosóficas e culturais da realidade favorecendo a produção de significados pelos alunos, evitando aprendizagens desprovidas de sentido para a vida cotidiana e possibilitando uma melhor relação do aluno com a Matemática.

O diálogo com Bauman contribui para a compreensão da sociedade líquida, caracterizada pela instabilidade, pela volatilidade das relações e pela centralidade do consumo como elemento organizador da vida social permitindo uma compreensão global da temática, fazendo que o tema perpasse a filosofia, a sociologia, a história, a geografia, além da Matemática.

De modo complementar, a perspectiva filosófica inspirada em Schopenhauer possibilita analisar criticamente o consumismo como manifestação do desejo incessante e da insatisfação permanente, ampliando o campo de compreensão do aluno, conectando o raciocínio matemático a reflexões éticas e existenciais.

Assim, conclui-se que a Educação Financeira interdisciplinar nas aulas de Matemática contribui para a formação de sujeitos capazes de atribuir significados ao que

aprendem, compreender a complexidade das relações sociais e posicionar-se criticamente diante das demandas de uma sociedade líquida e consumista.

8. Referências bibliográficas:

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** Campinas: Papirus, 2008.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LINS, Rômulo Campos. **O modelo dos campos semânticos: uma proposta para a análise da produção de significados em Matemática.** São Paulo: Autores Associados, 1999.

LINS, Rômulo Campos. **Produção de significados, monstros e educação matemática**. In: LINS, R. C.; GIMENEZ, J. (Orgs.). **Perspectivas em Educação Matemática.** Campinas: Mercado de Letras, 2012.

OCDE. **Improving Financial Literacy: Analysis of Issues and Policies.** Paris: OECD Publishing, 2005.

SKOVSMOSE, Ole. **Educação matemática crítica: a questão da democracia.** Campinas: Papirus, 2001.

SKOVSMOSE, Ole. **Desafios da reflexão em educação matemática.** Campinas: Papirus, 2008.